

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
Disciplina: História Contemporânea 1 – 1º/2004  
Professora: Márcia Motta  
Aluno: Marcelo Senna Guimarães

“(…) a História Contemporânea só pode justificar sua pretensão a ser considerada uma séria disciplina intelectual e algo mais do que uma crítica desarticulada e superficial da cena contemporânea, se decidir esclarecer as mudanças básicas de estrutura que deram forma ao mundo moderno.” (Barracough, G. *Introdução à História Contemporânea*. 4ª edição, Rio de Janeiro, Zahar, 1976)

**Com base nesta afirmação, discuta dois dos processos de revoluções industriais européias em sua relação com a atuação do Estado e formação do ideário liberal.**

A revolução industrial inglesa foi a primeira a ocorrer, “explodindo” a partir da década de 1780.<sup>1</sup> Ela consistiu não apenas na expansão da produção em função do mercado, mas “na criação de um ‘sistema fabril’ mecanizado que por sua vez produz em quantidades tão grandes e a um custo tão rapidamente decrescente a ponto de não mais depender da demanda existente, mas de criar o seu próprio mercado.”<sup>2</sup> Ao retirar “os grilhões do poder produtivo das sociedades humanas”, tornando-as capazes de realizar a “multiplicação rápida, constante, e até o presente ilimitada, de homens, mercadorias e serviços”<sup>3</sup>, gerou uma mudança nas sociedades humanas talvez só comparável à criação das cidades e da agricultura, que marcou a “revolução neolítica”.

Que condições a Inglaterra apresentava que lhe permitiram desenvolver, especialmente a partir da década de 1780, uma economia industrial? Tom Kemp<sup>4</sup> chama a atenção para o fato de tal processo não poder ser entendido isoladamente, mas dentro do contexto de criação e expansão do mercado mundial que já ocorria desde o final do século XV. Desde esse período a Europa vinha se tornando o eixo do comércio entre os continentes. A relação entre fornecimento de matérias primas e comercialização de manufaturas gerou uma “divisão internacional de trabalho” entre a economia que se industrializava, as regiões agrárias (aquelas já ligadas ao mercado mundial e, progressivamente, aquelas que eram marginais a ele) e as economias que vieram a se industrializar posteriormente. A essa divisão de trabalho estava associado também o desequilíbrio no poder, como é claro no caso das relações coloniais ou semicoloniais.

A posição da Grã-Bretanha no comércio mundial, em especial seu domínio sobre as navegações, lhe concedia uma situação privilegiada para o desenvolvimento da economia. A indústria têxtil, que havia se desenvolvido como “um subproduto do comércio ultramarino”<sup>5</sup>, ofereceu aos homens de negócios possibilidade de recompensas excepcionais para o fabricante que pudesse expandir sua produção rapidamente, através de

---

<sup>1</sup> HOBBSAWN, p.51.

<sup>2</sup> Idem, p.55.

<sup>3</sup> Idem, p.50.

<sup>4</sup> KEMP, p.18.

<sup>5</sup> HOBBSAWN, p.57.

inovações simples e razoavelmente baratas. O mercado mundial amplamente monopolizado pela Inglaterra completava o quadro, ao permitir o escoamento dessa produção enormemente ampliada.

Também internamente, houve na Inglaterra, de modo diferenciado do continente europeu, o desenvolvimento progressivo de condições que de certo modo prepararam a sociedade e a economia britânicas para o salto dado com a revolução industrial no final do século XVIII. Nesse país as relações capitalistas já vinham se impondo sobre as relações feudais há muito tempo. Na política, com o questionamento do poder do Rei e a própria execução de Carlos I em 1648. No campo, a terra já era quase monopolizada por “proprietários com espírito comercial” e as atividades agrícolas já eram predominantemente dirigidas para o mercado.<sup>6</sup> Uma grande parte da população era obrigada a vender sua força de trabalho para sobreviver e a busca da riqueza já governava o país. Tudo isso possibilitou que a revolução industrial na Grã-Bretanha se desse capitaneada pelas empresas privadas. “... após uma lenta preparação de cerca de 200 anos, não houve escassez real de quaisquer dos fatores de produção e nenhum obstáculo institucional para o pleno desenvolvimento capitalista. O mesmo não aconteceu em outros países.”<sup>7</sup>

Essas condições apontadas por Hobsbawn estão de acordo com aquelas indicadas por Tom Kemp: pontos fundamentais que podemos entender como as transformações estruturais necessárias para permitir a industrialização plena do país. Essas transformações dizem respeito à solução da “questão agrária” – à vinculação da agricultura ao mercado, com a comercialização da produção e da própria terra; a disponibilidade de força de trabalho livre; a existência de leis e instituições adequadas às relações capitalistas; a existência dos empresários, agentes produtores de lucro; e o progresso técnico.<sup>8</sup>

A industrialização britânica deve ser situada também no desenvolvimento do capitalismo. Representou o movimento do capital da esfera da circulação para a do controle da produção, ou melhor, de certos campos da produção. Isto se deu progressivamente, do “sistema doméstico”, no qual se encomendava a artesãos independentes a produção de mercadorias, até a organização industrial, onde o controle da produção passava efetivamente para o capitalista. Isto coincidiu com uma alteração técnica nestes campos, alteração que consistiu na passagem do domínio da ferramenta de utilização manual para o da máquina com a descoberta de novos processos envolvendo a utilização do carvão e, mais tarde, a aplicação da força do vapor. O ‘modelo’ britânico, portanto, esteve associado a têxteis à base de algodão fabricados à máquina, ao ferro fundido com coque e a máquinas a vapor alimentadas a carvão.<sup>9</sup>

Essas condições externas e internas promoveram o caráter “autônomo” e “orgânico” da revolução industrial britânica, diferente dos outros países: “na Grã-Bretanha a industrialização não foi resultado de um projeto ou de um programa preestabelecidos. Resultou unicamente das operações de uma boa série de firmas comerciais competitivas que, espontaneamente, procuraram defender os seus próprios interesses, num clima e num

---

<sup>6</sup> Idem, p.54.

<sup>7</sup> Idem, p.244.

<sup>8</sup> KEMP, p.23-24.

<sup>9</sup> Idem, p.21.

quadro institucional extremamente favoráveis a um funcionamento integral e livre das forças do mercado. Esta natureza orgânica ou autônoma da industrialização britânica constitui a sua característica mais original e notável. Em mais nenhuma outra região poderiam tais condições ser reproduzidas exatamente.”<sup>10</sup>

Apesar de seu caráter “orgânico”, não se pode dizer que o Estado não teve nenhum papel na industrialização inglesa. Pelo contrário, ele pode ser considerado agressivo externamente e internamente. Garantiu as condições para que o capitalismo inglês se desenvolvesse, seja através da regulamentação interna, seja através da ação externa, mercantil e belicosa. Hobsbawn retrata o envolvimento do Estado com as questões econômicas – e, de certo modo, a conquista do Estado pelos interesses dos comerciantes, anterior à própria revolução industrial:

“as condições adequadas estavam visivelmente presentes na Grã-Bretanha, onde mais de um século se passara desde que o primeiro rei tinha sido formalmente julgado e executado pelo povo e desde que o lucro privado e o desenvolvimento econômico tinham sido aceitos como os supremos objetivos da política governamental.”<sup>11</sup>

“A política já estava engatada ao lucro. As exigências específicas dos homens de negócios podiam encontrar a resistência de outros interesses estabelecidos; e, como veremos, os proprietários rurais haviam de erguer uma última barreira para impedir o avanço da mentalidade industrial entre 1795 e 1846. No geral, todavia, o dinheiro não só falava como governava. Tudo o que os industriais precisavam para ser aceitos entre os governantes da sociedade era bastante dinheiro.”<sup>12</sup>

O deslanchar da indústria algodoeira britânica também teve a ajuda do Estado. Para conquistar o mercado ultramarino, “por um período suficientemente longo, monopolizando *todos* ou quase todos os seus setores”, de modo a proporcionar “perspectivas realmente ilimitadas” de negócios, essa indústria contou com o “agressivo apoio do governo nacional”. Dentro das áreas coloniais e semicoloniais, que constituíam a maior parte do mercado dominado pelos ingleses, “a indústria britânica tinha estabelecido um monopólio por meio de guerras, revoluções locais e de seu próprio domínio imperial.”<sup>13</sup>

A indústria de base só se desenvolveu posteriormente. Apenas com a expansão das ferrovias, a partir de 1825, houve estímulo suficiente para o aumento da produção de ferro, aço, carvão, maquinaria pesada, mão-de-obra e investimentos de capital. Somente nesse momento as indústrias de bens de capital se desenvolveram tão profundamente quanto a indústria algodoeira.<sup>14</sup>

No campo das idéias liberais, a ideologia do progresso era a perspectiva dominante nessa época. Ela foi desenvolvida nos séculos XVII e XVIII com contribuições britânicas e francesas. A economia política inglesa (com Adam Smith, e também David Ricardo), que

---

<sup>10</sup> Idem, p.20.

<sup>11</sup> HOBBSAWN, p.54.

<sup>12</sup> Idem, p.55.

<sup>13</sup> Idem, p.59.

<sup>14</sup> Idem, p.73.

quase não era lida no século XVIII, tornou-se a principal referência na área no século seguinte. A teoria política, com Hobbes, Locke e Bentham, ou com Montesquieu e Rousseau, também forneceu argumentos aos liberais para o questionamento das relações do antigo regime. A própria Revolução Francesa forneceu o exemplo de que a sociedade poderia ser mudada a partir da mobilização das massas. A causa revolucionária, porém, foi sendo progressivamente abandonada pela burguesia durante a primeira metade do século XIX, à medida que ela consolidava seu poder de classe.

O processo de industrialização francesa segue por caminhos bastante diferentes da “explosão revolucionária” inglesa. É considerado um “paradoxo”, pois a França apresentava condições excepcionais para o desenvolvimento econômico no século XVIII, que, no entanto, não se concretizaram. Essas condições incluíam instituições ajustadas ao capitalismo (com as transformações advindas da Revolução Francesa e do Código Napoleônico), talento e capacidade inventiva dos empresários, desenvolvimentos técnicos, comerciais e financeiros e grandes reservas de capital.<sup>15</sup>

A principal razão para o “atraso” pode estar nas relações agrárias. Com a Revolução Francesa, os camponeses tiveram acesso à propriedade da terra e puderam se manter sem necessidade de vender nem sua produção nem sua força de trabalho, em larga escala, no mercado. Como destaca Tom Kemp, “o sistema agrário do período revolucionário, fossem quais fossem as suas virtudes sociais, tendia a atrasar o crescimento de um mercado interno, a criação de uma força de trabalho industrial e a transferência dos recursos da terra para a indústria.”<sup>16</sup> Assim, uma das condições básicas para a industrialização não estava presente na França. Como consequência, a industrialização francesa teve algumas características que a distinguem da britânica: deu-se de modo gradativo, especializou-se em produtos de luxo e contou com a atuação direta do Estado.<sup>17</sup> Este promoveu a construção das estradas de ferro, junto com os financistas parisienses e britânicos, e ajudou a configurar uma nova ordem econômica, na qual eram fundamentais “o financiamento bancário, o capital associado e o comércio em larga escala”.<sup>18</sup> E também: “o caminho de ferro ajudava assim a consolidar um mercado nacional, encorajando o investimento na indústria em larga escala e a sua concentração nos locais mais favoráveis.”<sup>19</sup> Ainda assim o setor agrário permaneceu forte na economia francesa e só teve seu papel efetivamente abalado após a segunda guerra mundial.

A França pôde oferecer elementos importantes para o desenvolvimento industrial fora da Inglaterra. A empresa do continente europeu dependia muito mais que a britânica de um aparato financeiro e de uma moderna legislação bancária, comercial e de negócios – a Revolução Francesa forneceu os dois – os códigos legais de Napoleão e os instrumentos de financiamento da indústria (irmãos Pereire).<sup>20</sup>

---

<sup>15</sup> Idem, p.247.

<sup>16</sup> KEMP, p.70.

<sup>17</sup> HOBSBAWN, p.248.

<sup>18</sup> KEMP, p.81.

<sup>19</sup> Idem, p.85.

<sup>20</sup> HOBSBAWN, p.246-247.

A atuação do Estado nos processos de industrialização, seja garantindo as condições para o estabelecimento das relações capitalistas na sociedade, seja investindo ou promovendo investimentos diretos em setores industriais, só pôde se constituir a partir do resultado de um longo processo de conquistas de direitos civis e políticos pela burguesia. Esse processo “só veio a terminar em fins do século dezoito, quando se assentou completamente a fundação de um regime do capital – ou seja, o reconhecimento de explícitas restrições “constitucionais” ao poder do Estado de violar o espaço privado do indivíduo, ou de confiscar sua propriedade. Esse princípio de igualdade *de jure*, com o direito à propriedade privada a ele estreitamente associado, constituiu a base da forma do governo liberal.”<sup>21</sup> Essa nova configuração do Estado pode ser entendida como resultado tanto do processo político inglês quanto do processo revolucionário francês.

### **Referências Bibliográficas:**

- HEILBRONER, Robert L. *A Natureza e a Lógica do Capitalismo*. (Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira). São Paulo: Ática, 1988.
- HOBSBAWN, Eric J. *A Era das Revoluções 1789-1848*. (Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002 (16ª edição).
- KEMP, Tom. *A Revolução Industrial na Europa do Século XIX*. (Tradução de José Marcos Lima) Lisboa: Edições 70, s/d.

---

<sup>21</sup> HEILBRONER, p.65.

**HOBBSAWN, Eric. *A Era das Revoluções 1789-1848*. (Tradução de Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002 (16ª edição).**

Panorama industrial semelhante a uma série de lagos cobertos de ilhas – Hobsbawn, *A Era das Revoluções*, p.243-4.

“Sob um importante aspecto, entretanto, a industrialização continental – e até certo ponto a americana – diferia da inglesa. As pré-condições para seu desenvolvimento espontâneo, através da empresa privada, foram menos favoráveis. Como vimos, na Grã-Bretanha, após uma lenta preparação de cerca de 200 anos, não houve escassez real de quaisquer dos fatores de produção e nenhum obstáculo institucional para o pleno desenvolvimento capitalista. O mesmo não aconteceu em outros países.”

[Hobsbawn, *A Era das Revoluções*, p.244]

“Sem exceção, todos os novos sistemas ferroviários foram planejados pelos governos e, se não foram efetivamente construídos por eles, foram incentivados pela subvenção de concessões favoráveis e pela garantia de investimentos. De fato, até hoje a Grã-Bretanha é o único país cujo sistema ferroviário foi totalmente construído por empresas particulares, assumindo os riscos na sua busca de lucros, sem o incentivo de bônus e garantias aos investidores e empresários.” [Hobsbawn, *A Era das Revoluções*, p.246.]

A empresa do continente europeu dependia muito mais que a britânica de um aparato financeiro e de uma moderna legislação bancária, comercial e de negócios – a Revolução Francesa forneceu os dois – códigos legais de Napoleão; instrumentos de financiamento da indústria (irmãos Pereire). [Hobsbawn, *A Era das Revoluções*, p. 246-7]

O paradoxo francês (desenvolvimento econômico no período 1789-1848) [Hobsbawn, *A Era das Revoluções*, p.247-9]:

Teoricamente, nenhum país deveria ter avançado mais rapidamente; possuía instituições ajustadas de forma ideal ao desenvolvimento capitalista; empresários com talento e capacidade inventiva sem paralelo na Europa; inventaram ou foram os primeiros a desenvolver grandes lojas de departamentos, propaganda e, com a supremacia da ciência francesa, todos os tipos de inovações e realizações técnicas (fotografia, processo de soda de Leblanc, descolorante à base de cloro de Berthollet, galvanoplastia e galvanização; tinha os financistas mais inventivos do mundo; tinha grandes reservas de capital que exportava para o continente europeu; Paris era um centro internacional de finanças que seguia Londres de perto. --- mesmo assim, o desenvolvimento econômico francês era bem mais lento que o de outros países – população e cidades cresciam modestamente; seu poderio industrial era grande na Europa, mas perdia terreno para a Grã-Bretanha e estava prestes a perder também para a Alemanha; “a despeito de suas vantagens e do início pioneiro, a França nunca se tornou uma potência industrial de maior importância em comparação com a Grã-Bretanha, a Alemanha e os Estados Unidos.” [p.248]

Explicação para este paradoxo: “a própria Revolução Francesa, que tomou com Robespierre muito daquilo que havia dado com a Assembléia Constituinte.” A parte capitalista da economia francesa era um superestrutura erguida sobre a base imóvel do campesinato e da pequena burguesia. Trabalhadores livres vinham pouco para as cidades; mercadorias baratas e padronizadas ressentiam-se da falta de um mercado grande e em

expansão; economizava-se capital, mas este não era investido na economia doméstica; “O empresário francês inteligente fabricava mercadorias de luxo e não mercadorias para o consumo de massa; o financista inteligente promovia as indústrias estrangeiras em vez das domésticas. A empresa privada e o crescimento econômico andam juntos somente quando este último propicia lucros mais altos para a primeira do que para outras formas de negócio. Na França ele não o fez, embora através da França tenha fertilizado o crescimento econômico de outros países.”

“Qualquer que tenha sido a razão do avanço britânico, ele não se deveu à superioridade tecnológica e científica.” (Hobsbawn, p.52) “...poucos refinamentos intelectuais foram necessários para se fazer a revolução industrial. Suas invenções técnicas foram bastante modestas, e sob hipótese alguma estavam além dos limites de artesãos que trabalhavam em suas oficinas ou das capacidades construtivas de carpinteiros, moleiros e serralheiros: a lançadeira, o tear, a fiadeira automática. Nem mesmo sua máquina cientificamente mais sofisticada, a máquina a vapor rotativa de James Watt (1784), necessitava de mais conhecimentos de física do que os disponíveis então há quase um século ... e podia contar com várias gerações de utilização, prática de máquinas a vapor, principalmente nas minas [*sic*]. Dadas as condições adequadas, as inovações técnicas da revolução industrial praticamente se fizeram por si mesmas, exceto talvez na indústria química. Isto não significa que os primeiros industriais não estivessem constantemente interessados na ciência e em busca de seus benefícios práticos.” (Hobsbawn, p.53-54)

**Tom Kemp. “Industrialização Britânica e Européia” in: *A Revolução Industrial na Europa do Século XIX*. P.17-49.**

[18] Teve importância histórica em todos os níveis e exerceu enorme influência sobre o desenvolvimento continental europeu; Foi o primeiro de uma série de processos similares e por isso foi considerada o caso ou modelo clássico; deve-se tomar o cuidado para não impor o modelo ao desenvolvimento industrial de outros países que partiram de situações diferentes e por caminhos diferentes a uma transformação estrutural semelhante; mas mesmo assim não se pode entender a industrialização da Europa sem compreender o processo britânico. Também não se pode entender o processo britânico isoladamente. É preciso compreendê-lo dentro do contexto da economia mundial e em comparação com o desenvolvimento de outros países “num estágio similar de desenvolvimento econômico”.

A industrialização da Grã-Bretanha vista no contexto do desenvolvimento do mercado mundial – “... a transformação da economia britânica, pela aplicação das técnicas e das formas de organização do capitalismo industrial, só poderia ter lugar enquanto parcela de um movimento a nível mundial. As necessidades de uma economia em industrialização, a nível de fornecimentos de matérias-primas e no que toca a mercados, provocaram o aparecimento de uma nova divisão internacional do trabalho entre essa economia e as regiões primordialmente agrárias e depois também com os outros países em industrialização. ... as disparidades nos níveis técnico e econômico entre os países desenvolvidos economicamente e as regiões do mundo com economias tradicionalmente agrárias e, muitas vezes, primitivas conduziram a uma subjugação econômica e política das últimas pelas primeiras. ... produziu também uma consciencialização da disparidade crescente entre os níveis de rendimentos dos países industriais ricos e os dos países agrários atrasados. Daqui nasceu o interesse pelos problemas do crescimento entre políticos e economistas (...)

[Comentário]

Talvez entendamos melhor a ideia de a industrialização britânica constituir um modelo nos dois seguintes sentidos: 1. as transformações estruturais que se produziram até o surgimento de uma “economia industrial madura” (na Inglaterra, na década de 1840, com as estradas de ferro e as indústrias de base) deveriam ocorrer em qualquer outro país que se industrializasse, ainda que em ritmos diferenciados; 2. a ordem dos acontecimentos na Inglaterra serviria de modelo para outros países. Ora, este segundo sentido é claramente falso, isto é, os diversos países, especialmente França e Alemanha, seguiram caminhos diferenciados, em função de já existir uma outra economia industrial e de suas condições internas próprias. Quanto ao primeiro, embora forneça uma ideia mais consistente, pode ser ao menos matizado: pelo menos uma importante estrutura característica do capitalismo se formou não tanto na Inglaterra, mas nos países que se industrializaram a seguir, e especialmente na Alemanha – a grande corporação monopolista ou oligopolista. Mesmo assim parece útil destacar transformações características britânicas e observar sua presença também em outros países.

[20] Na Grã-Bretanha a industrialização não foi resultado de um projeto ou de um programa preestabelecidos. Resultou unicamente das operações de uma boa série de firmas



comerciais competitivas que, espontaneamente, procuraram defender os seus próprios interesses, num clima e num quadro institucional extremamente favoráveis a um funcionamento integral e livre das forças do mercado. Esta natureza orgânica ou autônoma da industrialização britânica constitui a sua característica mais original e notável. Em mais nenhuma outra região poderiam tais condições ser reproduzidas exatamente.

[21] A industrialização britânica surgiu numa conjuntura particular do desenvolvimento do capitalismo. Representou o movimento do capital da esfera da circulação para a do controle da produção, ou melhor, de certos campos da produção. Isto coincidiu com uma alteração técnica nestes campos, alteração que consistiu na passagem do domínio da ferramenta de utilização manual para o da máquina com a descoberta de novos processos envolvendo a utilização do carvão e, mais tarde, a aplicação da força do vapor. O ‘modelo’ britânico, portanto, esteve associado sobretudo a têxteis à base de algodão fabricados à máquina, ao ferro fundido com coque e a máquinas a vapor alimentadas a carvão.

[21] teorias gerais e o caso da França:

Por vezes a expansão da industrialização noutros países europeus é vista como um processo de difusão, incidindo especialmente nas regiões com os necessários recursos naturais. O progresso desses países pode pois, ser visto como o resultado de tentativas, mais ou menos bem sucedidas, para competir com o ‘modelo’ britânico. Opondo-se a esta versão, outros historiadores levantam dúvidas acerca da validade de um tal ‘modelo’ e especialmente acerca de sua utilização como medida para aferir o nível de industrialização noutras regiões. Afirmam que outros países, como a França, seguiram uma via de certo modo diferente, indo buscar de forma seletiva a nova tecnologia ou as formas de organização econômica, mas retendo uma identidade própria, nomeadamente através da preservação de um largo setor artesão-camponês. Embora possa haver algo nesta tese a levar em conta no estudo da industrialização de cada país, o certo é que ela parece excessiva. (...) Na prática, no século XIX, os países industrializados com mais êxito foram aqueles que adotaram os traços básicos do ‘modelo’ britânico e que se desenvolveram a partir deles. Esse era um passo que seguia ‘o rumo da História’. Não se via qualquer futuro para a decisão de conservar um forte setor artesão e camponês que, de fato, teve que ser contraído (diminuído) para que se tornasse possível um posterior desenvolvimento econômico.

[22]

condições culturais e sociais necessárias à industrialização – difíceis de determinar; afastamento da ordem tradicional; nova estrutura institucional e sistema legal; propriedade privada ajustada às necessidades do mercado; essas condições tinham se desenvolvido na Europa em consequência da expansão comercial e do crescimento de uma economia orientada para o mercado ao longo de muitos séculos; países do noroeste haviam se transformado no eixo das relações comerciais com outros continentes desde fins do século XV; “A mudança social e política subsequente foi rápida nesta região. A expansão de novos conhecimentos e o desafio imposto a velhas crenças religiosas e à rigidez social conduziram a uma receptividade face à mudança e à inovação, inclusivamente na esfera da produção, receptividade sem paralelo até então na história do homem.

Algumas condições específicas das ilhas britânicas, dentro deste pano de fundo europeu, contribuíram para tornar prioritária e original a Revolução Industrial Britânica.

[23-4] Características comuns da industrialização – encontradas nas forças econômicas que as produziram:

1. **utilização mais produtiva** dos fatores de produção – melhorias de organização e novas técnicas; homens interessados em comprar e vender com lucro – empresários; expansão do mercado e acumulação prévia de capital como condições; expansão da produção e reinvestimento em equipamento produtivo;
2. existência de um fornecimento regular de trabalho (**força de trabalho livre**) – assegurada por gente que era obrigada a vender sua força de trabalho (camponeses expulsos da terra, na Inglaterra, desde o século XVI pelo menos) por não dispor de outros meios de subsistência;
3. aparecimento de novos **meios técnicos**; aumento da produtividade promovido pela revolução industrial ligado a novas máquinas e novas fontes de energia;
4. o **empresário** produtor de lucros – “o agente humano da mudança na indústria” – obrigado a acumular para se manter na competição, por isso receptivo a melhorias técnicas que baixassem custos e aumentassem lucros; estendeu à produção as práticas dos capitalistas mercantis que desbravaram mercados e acumularam capital nos séculos anteriores; a capacidade dos mercadores e proprietários de navios britânicos para obterem uma posição dominante do mercado mundial no período anterior e durante o século XVIII foi fator importante para a posição dianteira que a indústria britânica ganhou.

[24-5] Uma razão dominante para a transformação mais lenta do continente: a prolongada permanência das estruturas agrárias tradicionais.

[25]

A industrialização inglesa tornou-se um exemplo disponível que pode ser transferido de modos diferenciados para outros países, sem excluir novidades.

Cada país foi desenvolvendo sua “fisionomia econômica nacional”.

O **Estado**, nacional ou dinástico, tinha relevância econômica através das suas fronteiras tarifárias, das unidades monetárias e de todo o corpo de leis civis e comerciais que regulavam os assuntos econômicos e distinguiam os nacionais dos estrangeiros.

Desenvolvimento geográfico irregular da industrialização – regiões distintas ligadas aos mercados nacional e mundial;

[26]

A ascensão da indústria moderna teve lugar dentro dos limites do **Estado** nacional. Enquanto as melhorias nas comunicações e nos transportes pareciam tornar o mundo mais pequeno e a integração destes Estados na divisão internacional do trabalho se consolidava, a identificação com o Estado ou nação e a rivalidade entre Estados agudizavam-se. Os interesses da burguesia comercial e industrial encontravam, pois, expressão através do Estado. A burguesia via no Estado a entidade capaz de promover um clima favorável para os seus negócios internos e de defender os seus interesses contra os dos rivais estrangeiros. Desta forma emergiram políticas econômicas nacionais distintas. Assim, a industrialização teve tendência a reforçar as diferenças e rivalidades nacionais, apesar, técnica e

socialmente, ter tornado as condições de vida mais uniformes, não obstante as disparidades nacionais, lingüísticas, culturais e outras.

As diferenças regionais profundas nos processos de industrialização tornam as generalizações nacionais suspeitas, e mesmo duvidoso se tratar o Estado nacional como a unidade de crescimento. A certos níveis, pode-se analisar o processo de industrialização na dimensão continental. “O que então ressaltaria seria a importância dos fatores físicos, principalmente a situação geográfica e a posse de recursos, para a determinação da extensão e da taxa da industrialização.”

[26-7]

As zonas avançadas do Continente no século XIX situavam-se à volta dos campos de carvão do Norte de França, Bélgica e Oeste da Alemanha; a partir daí a preponderância da industrialização estendia-se, ao longo de linhas de comunicação adequadas, incluindo o mar a outras regiões destes países, com alguns postos avançados ainda mais para o sul e leste, incluindo centros administrativos, portos de mar e rio e depósitos de minério como pontos fulcrais. Assim, a divisão entre as regiões avançadas industriais e as basicamente agrárias marca uma linha que atravessa as fronteiras dos Estados e que, uma vez estabelecida, manteve uma influência considerável até hoje.

[28] Desenvolvimento anterior da Grã-Bretanha que gerou condições para a Revolução Industrial:

O que distinguiu o desenvolvimento britânico do desenvolvimento da Europa Continental foi o fato de, na Grã-Bretanha, as relações agrárias feudais terem chegado à ruptura mais cedo. A terra tornou-se uma forma de propriedade individual que era comprada e vendida ou alugada a quem pagasse mais. À medida que os empresários de terra foram ultrapassando as velhas restrições tradicionais e a terra foi sendo transformada num fator comercial, por ser usada para a produção para o mercado, foi-se consolidando uma classe que não tinha terra e que sobrevivia graças ao seu trabalho. Agora era muito elevado o número de pessoas sem terra que precisavam de trabalhar para receberem um salário, devido à expulsão dos camponeses da terra onde trabalhavam ou então à pressão das forças do mercado que favoreciam os produtores mais eficientes e com mais terra, em detrimento dos produtores mais fracos e com pouca terra. A distinção entre liberdade e ausência de liberdade deslocava-se para uma outra, entre proprietários e não-proprietários; já no século XVII a mudança era total e tinha influenciado toda a sociedade.

[28-9]

A ênfase ia agora para a aquisição individual, para os direitos da propriedade, para a posse. As relações de mercado, e não a tra[29]dição ou o estatuto, passavam a ser o fator determinante da posição social. A riqueza passou a ser identificada com o dinheiro ou com a propriedade que podia ser transformada em dinheiro através de vendas no mercado. Não ter dinheiro ou propriedade significava depender do mercado de trabalho para obter meios de subsistência. ... O quadro parlamentar completava o controle do mercado e regulava através da lei a transformação dos velhos direitos ainda existentes em formas de propriedade adequadas à posse individual integral e, da mesma forma, ao funcionamento completo das forças de mercado. Esta característica, amiúde negligenciada, dos *Enclosure Acts* foi talvez a que, entre todas, assumiu maior importância. Ela explica a rigorosa

observância das devidas formas legais e o respeito pelos direitos da propriedade, mesmo a mais humilde, e, ao mesmo tempo, a natureza irreversível e de longo alcance da transformação social que produziram na sociedade rural.

Mudanças desta ordem, que alteraram de forma fundamental a relação entre os homens e a terra e entre os próprios homens, que alteraram a natureza da propriedade e operaram uma nova divisão de classes, implicavam necessariamente uma vasta série de ajustamentos sociais e políticos. O século XVIII foi uma época de revolução política que teve por efeito diminuir as pretensões da Corte, subordinar o governo ao poder dos homens e da propriedade e fornecer uma proteção jurídica completa às novas formas de propriedade, adequada ao desenvolvimento do capitalismo. É difícil entender como a industrialização poderia ter surgido como um processo orgânico e espontâneo sem uma tal preparação do meio circundante. De fato, uma série de pequenas mudanças favoráveis à propriedade capitalista e permitindo a realização da acumulação e do investimento em liberdade e segurança promoveram condições em Inglaterra que não encontraram paralelo noutros países europeus.

[30]

Até aos últimos anos do século XVIII ... não havia nada de ímpar na taxa ou mesmo no caráter do desenvolvimento econômico que se registrava na Grã-Bretanha. É verdade, porém, que em mais nenhuma outra região se via toda uma área nacional de tal forma atraída pela economia de mercado, ... uma proporção tão vasta de população cuja sobrevivência dependia da venda de mercadorias ou de força de trabalho. Essa transformação estrutural é que parece ser a base necessária da industrialização.

[31]

Os empresários capitalistas na Grã-Bretanha do século XVIII tinham a possibilidade de se emanciparem fortemente das restrições consuetudinárias; dispunham de um meio legal extremamente favorável; e conseguiam constituir uma força social importante, á volta da qual se agrupavam os elementos que criaram a classe média. Esta classe média em crescimento ia buscar os seus rendimentos ao comércio e ao exercício das profissões liberais, ao contrário dos proprietários fundiários que recebiam rendas e dos trabalhadores que tinham que vender a sua força de trabalho para sobreviverem. Homens de largas posses constituíam o núcleo da classe média e, no século XVIII, estavam envolvidos sobretudo no comércio em grande escala e nas finanças.

Tais homens não se inclinavam necessariamente para a produção industrial, a qual, por si só, não fornecia um escoamento lucrativo para o capital, até passar a haver um alargamento considerável do mercado, no qual, necessariamente, o mercador e comerciante desempenhava o papel decisivo. Quando o capital mercantil fluiu para a indústria, fê-lo principalmente através do **sistema do trabalho ao domicílio**, no qual o produtor direto continuava a trabalhar na sua própria casa ou oficina e, na maior parte dos casos, produzia capital circulante e não fixo. Foi só nos locais onde a natureza técnica do processo tornou imperativo o uso do capital fixo, como nas minas e nas indústrias metalúrgicas, que o capital industrial se tornou predominante. Nas indústrias têxteis e em muitas indústrias de transformação do metal, da madeira e de outros materiais em bens de consumo, o sistema de encomenda realizada em casa ou de manufaturas em pequena escala era a regra.

[33]

Ao nível da empresa produtiva os patrões tratavam de ultrapassar as desvantagens das formas tradicionais. A organização da produção em larga escala transitou do sistema de encomenda à reunião de trabalhadores que realizavam tarefas parecidas ou idênticas em vastas oficinas, o que podia atender a necessidades do comércio de produtos de luxo ou semiluxuosos ou para a satisfação de encomendas governamentais, como no caso de abastecimentos militares ou navais. Contudo, o mais provável é que um certo retalhamento do trabalho global pelos vários artesãos tenha tido lugar, no intuito ou em resultado de uma redistribuição de tarefas, de forma a obter economias do tipo daquelas para as quais Adam Smith chamou a atenção na sua análise da divisão do trabalho. Desde que uma complexa operação de fabrico fosse dividida nas suas componentes e em seguida tornada repetitiva, bastava dar mais um único passo para transferir a operação do trabalhador com a sua ferramenta para um mecanismo propulsionado por algum tipo de energia, mecanismo que efetuava a operação sob a supervisão do trabalhador.

[34]

A utilização das máquinas nos têxteis – numa sociedade predominantemente agrária, cujos rendimentos se encontram em crescimento e que cada vez mais adere a uma economia de mercado, a produção de têxteis será a principal atividade fora do lar. O crescimento de um mercado de fios e tecidos, e também de certos produtos acabados, como meias, constituiu a razão de ser da mais vasta das indústrias de trabalho ao domicílio no período anterior à Revolução Industrial. Foram precisamente as inovações mecânicas nestas indústrias que constituíram o cerne deste processo revolucionário.